

21 de julho de 2025
nº2
ano 4

Tatuí - SP

JORNAL

BULI

30º FETESP

FESTIVAL
ESTUDANTIL
DE TEATRO
DO ESTADO
DE SÃO PAULO

tatuí conservatório
de música e teatro



NO FRESCOR DA HORA

4

HISTÓRIA CUNT 90'S

YMOIRÁ MICALL

8

VAI, MALANDRE!

MARCUS GROZA

12

**MERO – “SE AGORA VOCÊ ESTÁ DENTRO DA
MINHA BARRIGA: PRA QUEM VÊ DE FORA,
VOCÊ AGORA SOU EU; E PRA VOCÊ QUE VÊ DE
DENTRO, EU SOU O MAR”**

MARCUS GROZA

APRECIÇÃO ESTUDANTES BOLSISTAS

19

O PEIXE É SÓ UM PEIXE?

ANA MACHADO

23

O AMOR É UM RITUAL DE PREPARAÇÃO PARA...

LUCAZ EUSÉBIO

PERFIL

28

DESEJO

MARIA LUIZA QUEIROZ FREIRE

CHARGES

33

CADÊ MEU AMOR?

GABRIEL

33

VOCÊ ME AMA?

TADEU RENATO

34

BENDITA GENII

NACÁ

35

DA NATUREZA

KAIÃO

36

QUEM DERA SER CANTOR...

LARA MIRARTE

37

MERO O SORRIDENTE PEIXE SEM DENTE

BORRACHA

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

38

TODA MACUMBA É POUCA

ABESSA RAMOS

BASTIDORES

40

FOTOS POR CAMILA FONTENELE

EXPEDIENTE

46





HISTÓRIA CUNT 90'S

POR YMOIRÁ MICALL

apreciação do espetáculo *O amor na prática*
é sempre ao contrário a partir do painel
conduzido por Amanda Tavares Dias – VQV e
Valéria Rocha – Conservatório de Tatuí.

Se partirmos do pressuposto de que não existe
idade para aprender a amar a si mesmo, então
podemos dizer que o Núcleo Atuará – ATUARÁ escola
de teatro está construindo um pensamento honesto
para além de uma bolha conservadora. Isso signifi-
ca que ainda tímido, porém também carregado de
deboche, o espetáculo “O Amor na prática é sempre
ao contrário” encenado no Centro Cultural de Tatuí

nos provoca a uma reflexão comprometida sobre as sensações — o amor. Todo mundo sente, logo, qualquer um pode falar sobre o amor, mas sem esquecer que ele dói desde cedo. Partindo da letra 'Ritual' (Cazuza), do texto 'Música para cortar os pulsos' (Rafael Gomes) e de outras canções e histórias de amor, 16 jovens atuantes vêm contar a história de Felipe, Isabela e Ricardo, três personagens desta comédia romântica, típica dos anos noventa e dois mil, mostrando diferentes facetas de uma mesma pessoa; ou variadas versões de uma mesma história. O nome disso é teatro na nova geração: expandindo o pensamento crítico sobre o que é o amor. O cenário composto por três ambientes nas cores rosa, azul e verde representam a intimidade dessas personagens, mas também conduzem nossa imaginação a uma sala de controle, como se tudo acontecesse dentro da cabeça delas. Luz, câmera, teatro!

Como o Núcleo Atuará — ATUARÁ escola de teatro evoca 16 jovens a discutir sobre o que nos ensina o amor? O espetáculo todo arrematado em camadas, tanto na ação das personagens, quanto no figurino, cativa a plateia e manifesta uma memória afetiva através da trilha sonora que vai de Cazuza a Chitãozinho e Xororó. Não sabemos quando o coro da plateia se mescla ao coro da coxia e isso se torna uma voz única, com isso navegamos mar adentro, sendo reveladas vez ou outra a uma atriz ou um ator que se destacam representando uma das personagens, eles não definem gênero, todos podem ser Ricardos, Isabelas e Felipes, cada um se identifica na forma de lidar com as situações e descontentamentos de si próprio. O elenco garante que isso é a possibilidade de se colocar no lugar de alguém que também sente. Em meio a breves distorções emocionais, numa conversa entre

Isabela e Felipe, escutamos uma das personagens que diz: “eu tenho medo do que não conheço”. A partir desse instante senti como se fosse para debaixo da terra, pois não há maneira de garantir a ‘salvação’ de alguém que teme a si mesmo, a não ser que ao provar dos amargos da vida, esse alguém se liberte de suas amarras e promova a si mesmo uma descoberta no mais puro prazer.

As vozes apreciativas pós-espetáculo ecoam na sala, refletindo a experiência em catarse. Todo canto e dança foram essenciais para retirar das cavernas da representatividade relatos emancipatórios, uma delas agradeceu por conseguir criar exatamente o que estava se passando dentro de sua cabeça, outra desejou o futuro de um amor improvável, tiveram aqueles que sem saber promoveram um discurso raso sobre afeto, porém de alguma forma “Amor na prática é sempre ao contrário” realoca nossa proposição sobre o amor, pois na prática ele realmente se torna contrário, incabível. O amor se torna uma invenção, que paira em nossas cabeças, cria cenários impossíveis e nos impulsiona ao irreal. O que nos ensina o Núcleo Atuará — ATUARÁ escola de teatro sobre o amor é que não existe controle sobre quando ele acaba ou quando termina, mas que isso nos mantém vivas dentro de um jogo da sobrevivência. Nem todas nós queremos permanecer nesse jogo, mas também queremos ser vistas através do olhar do outro, ter a possibilidade de sermos amadas, viver a vida em *strass* e *glitter*, sem ter medo de transformar o amor em outras coisas, criar um mosaico de emoções e se sentir livre dentro dessas escolhas românticas que nos retiram da violência do resto do mundo. O que eu aprendi sobre o amor é que nunca mais vou amar ninguém sem antes amar a mim mesma.



FOTOS JOÃO MARIA



VAI, MALANDRE!

POR MARCUS GROZA

apreciação para abertura de processo
Ópera do Malandro, a partir do painel
conduzido por Amanda Tavares Dias – VQV
e Douglas Emílio – Conservatório de Tatuí.

A figura do malandro, mitificada a partir da vida boêmia carioca a princípios do século XX, representa um modo de vida subalterno de homens pouco afeitos ao “trabalho duro”, muitas vezes ligados ao samba: elegante no traje e bom de ginga, o malandro é habilidoso em criar e escapar de confusões, transformando seus erros e apuros em esquivas e bom-humor. Essa figura, nas tradições afro-brasileiras, guarda relações com as entidades do Povo

da Rua e Zé Pelintra, e aparece muitas vezes como um “embaixador” das populações marginalizadas.

Na abertura de processo da “Ópera do Malandro”, da Cia. de Teatro do Conservatório de Tatuí, com direção de Aysha Nascimento, encontramos possivelmente a figura “des malandres”. À exceção da “anfitriã” que depois fará a Geni, todo o elenco está com o mesmo figurino, que se vale de alguns elementos tradicionais, como o chapéu panamá (com destaque para ótimas composições dos chapéus com os “cabelos blacks”, individualizando cada ator e atriz), mas também de elementos alheios à figura, como a meia-arrastão, sugerindo um ar andrógono na caracterização das personagens e indiretamente questionando por que a morfologia da figura (mediante o figurino, no caso) teria que predeterminar a nossa percepção da identidade.

Esse deslocamento aponta para a adaptação que o grupo vem realizando do texto original de Chico Buarque, prometendo, essa releitura, focar na população marginalizada: “o proletariado, as putas, os capangas e, claro, Geni”, como lemos na sinopse. A seleção de cenas para essa abertura de processo focou nos trechos musicais acompanhados pela banda, quase exclusivamente as canções da obra. Talvez por isso, na maioria das cenas, não se ressaltou dramaticamente esse sentido da adaptação, o que se observou mais nessa composição do figurino bem como no prólogo e na última cena, da Geni.

Na conversa com o público, após a apresentação, jovens destacaram sensações contraditórias ao assistir a peça: sentindo “desconforto”, “raiva”, “desespero”,

mas também “prazer” ao ver o elenco cantando, dançando e se divertindo em cena. Uma pessoa apontou o enfrentamento em relação à opressão de gênero: apesar dos figurinos iguais, em algumas músicas a movimentação e o gestual dos homens sugeriam uma “objetificação” dos corpos femininos, ao que as mulheres reagiam combatendo. Outra pessoa, como provocação, sugeriu que queria ver mais o sentido de adaptação, “não ficar só evidenciando coisas que já estão dadas na dramaturgia”; para além do “bem ensaiado e marcado” que vimos em cena, disse ter sentido falta do “desafinado”, da “loucura”, do “quebrado”, do “erro” que reverbera do universo da cultura popular em que se insere o malandro.

A proposta do deslocamento da figura do malandro para o que talvez possamos chamar de “malandre” é certamente um ponto alto do que assistimos, no sentido da atualização do caráter subversivo do malandro de um século atrás, agora quanto às questões de gênero. Igualmente, destacam-se o prólogo com a “transfitriã” e a cena final, onde o grupo apresenta uma bela versão de “Geni”, com a interposição da canção “Submissa do 7º dia”, de Linn da Quebrada, na voz da Trans-Geni.

Ao final, reverbera a vontade de assistir em breve à estreia dessa adaptação pela Cia. de Teatro do Conservatório de Tatuí, que promete ser uma obra de peso, a considerar o elenco afiado e talentoso, a banda entrosada e a direção criativa que já prenunciou neste ensaio aberto.





MERO – “SE AGORA VOCÊ ESTÁ DENTRO DA MINHA BARRIGA: PRA QUEM VÊ DE FORA, VOCÊ AGORA SOU EU; E PRA VOCÊ QUE VÊ DE DENTRO, EU SOU O MAR”

POR MARCUS GROZA

apreciação do espetáculo *Mero*, a partir do painel conduzido por Paulo Gircys – VQV e Douglas Emílio – Conservatório de Tatuí.

A criança vinha há dias acabrunhada. Quando passaram à beira de um rio, a mãe deu na boca dela um girino, como se fosse um bálsamo meio amargo. E o tio, sem avisar que este seria seu batismo, empurrou a criança dentro da água, segundo tradição antiga da sua gente. O bichinho, filho-peixe de mãe-sapa, dentro mergulhado da criança, boca garganta traqueia estômago, começou a se engasgar dela, que logo mareou ainda mais na água, de tão cheia da presença dele.

Ainda pouco anfíbia, o pequeno ser, esperando que o remédio fizesse efeito, já ia adiantado de vésperas. Parece que tá se afogando!, ao longe grita um incrédulo. Mas dentro da criança o girino também se afoga, mesmo com a água de fora. Em meio ao que parece um mundo fechado, como uma vista que de repente se escurece, se nos atentarmos com cuidado, vamos notar que dali também pode vazar música. Uma música como a primeira chuva, um renascimento: o bicho dentro só fecha os olhos úmidos e começa a sentir a água-música. Na agitação primeira do mergulho, a criança enxerga uma bailarina, sobre um pé só, é uma seriema num pé só, a todo voo. Depois são remos que a siriema leva no lugar das asas, são remos que a conduzem pra cima. Renascer é um voo mergulhado, pássaro na desova.

E quando a criança chega assim pra romper o fio das águas, ela sente uma correnteza leve na sua nuca e treme de todo o frio que tem uma proibição de mãe ou os olhos do pai, que a amedrontam como um dedo em riste. Nessas horas, todo mundo vacila, não tem jeito. E com essa criança não foi diferente, ela se demorou apegada ao prazer-recompensa de todos os esforços anteriores. Mas de leve a água foi

se espalhando, calma e amiga, e ela se viu ali refletida no espelho de dentro das águas. Anfíbia, não resistiu. Narciso ao avesso, ela se desassegurou e, furando o dentro-fora, vazou o fio que separa.

Assim, o novo corpo conseguiu nadar, pulou, brincou, dançou e, acreditem, não se afoga de ar até hoje.

*

Tornar-se quem se é, sair do armário das aparências, abandonar a velha carapaça das hipocrisias traz consequências inesperadas, mergulha a pessoa nas marés do desconhecido, derruba inclusive crostas e construções indiretas que talvez ela não quisesse ver afetadas. O espetáculo “Mero”, do grupo estudantil Berinjelas Fritas, construído a partir de dramaturgia de Sara Pinheiro, nos conduz por um universo metafórico muito rico, contando a história do Senhor K., um funcionário do ministério da pesca que, no entanto, nunca viu um peixe senão no mercado. Reverberando Kafka, Bartleby e Moby Dick, o Senhor K. certo dia, após ouvir no rádio a história do peixe Mero, passa a ter uma obsessão pelo tal peixe, abandonando a burocracia do trabalho e sua vida familiar para sair atrás dele, acabando no fundo do mar, engolido pelo peixe. Com quem dialoga e nem sempre se entende:

K. – “Peixe não canta, porque peixe não conversa...”

Mero – “Homem não conversa, homem murmura, às vezes grita...”

O perspectivismo – pensamento ameríndio de base animista, partindo de que todas as ‘coisas’ podem

ter ‘alma’ – nos ensina que, no final das contas, a forma corporal da espécie é um pouco como “um envoltório, uma roupa”, a ocultar a forma interna humana comum: em geral visível apenas à própria espécie e a seres transespecíficos iniciados, como os pajés. Assim, apesar dos ruídos, se temos na peça esse diálogo entre K. e o peixe Mero que o engoliu, já podemos entrever que o teatro é assim enfatizado como lugar propício ao entendimento dos trânsitos e transições que um corpo vivo atravessa. A disjunção perspectiva se aponta no começo do diálogo, já que K. no fundo do mar não enxerga nada e Mero sim.

É um encontro muito feliz e instigante esse do grupo Berinjelas Fritas com a dramaturgia de Sara Pinheiro. A encenação funciona com uma ludicidade muito eficaz, incorporando em cena inclusive jogos teatrais usados geralmente na preparação dos atores. Não há uma identificação constante entre ator e personagem e, nessa descontinuidade, são atrizes que principalmente desempenham o personagem K. O desenho de luz espacializa os trânsitos da narrativa e reforça o aspecto onírico de algumas cenas. A energia e o dinamismo do elenco contagiam e envolvem o público, nas coreografias, nas canções, nas piadas.

O diálogo de apreciação com a plateia no pós-apresentação evidenciou esse envolvimento. As pessoas relataram diversas sensações, como de “dúvida”, “afogamento”, “fluidez”, “angústia”, “estar dentro d’água”, “cheiro de fundo do mar”, “água poluída”, além do entendimento de que K. estaria “mergulhando no seu próprio subconsciente”, etc. Houve ainda uma pessoa que destacou a sensação de “vento trazendo coisas novas”, o que me pareceu oportuno para designar a peça desse grupo de jovens tão talentosos.

Esperamos por essas “coisas novas” que o vento traz – que não sejam mais das fumaças das queimadas que anoitecem o dia. Mas, vale nos perguntar também se essas coisas talvez já não tenham chegado e nós não conseguimos lidar bem com elas, como K. que, no diálogo com Mero, não entende que ele não se define ainda nem como “senhor” nem como “senhora”. O personagem K. se pôs em busca da sua própria identidade e, mesmo assim, de início, não aceita a fluidez do outro, reivindicando burocraticamente a predefinição do gênero com que “se nasce”, para ao final entender que não somos capazes de julgar a perspectiva alheia, à qual muitas vezes nem temos acesso. Assim, a partir da realidade biológica dessa espécie de peixe de “gênero fluido”, a peça “Mero” materializa em metáfora um caminho – infinito, diga-se – de descoberta de si mesmo e das relações com as outras pessoas, sempre em perspectiva.

Se a questão de gênero é um ponto de chegada crucial, não se pode deixar de observar que é um entre outros, sendo as implicações ecológicas e interespecíficas outras inflexões importantes da metáfora utilizada na peça. Da mesma forma que a fluidez do mar em que a peça nos lança rompe com a rigidez de gênero, também se quebram, por exemplo, as noções de dentro e fora, como a fita de Moebius.

Nesse sentido, quase no fim do espetáculo, o senhor K., de dentro da barriga do peixe, lhe pergunta: “Se eu estou dentro da sua barriga, agora eu faço parte de você?” Ao que Mero responde: “Se agora você está dentro da minha barriga, pra quem vê de fora, você agora sou eu; e pra você que vê de dentro, eu sou o mar.” Assim, o funcionário disfuncional entende que não está “biruta”: “eu também sou o mar”, conclui.

NO FRESCOR DA HORA

Talvez não seja loucura dizer que agora ele é mais do ministério da pesca do que antes.

Deixemos ecoar a percepção de que também somos o mar, também somos a natureza em que estamos mergulhados (e quase nos afogando). A real percepção desse fato seria suficiente para que cada um buscasse se descobrir em perspectiva e vetasse a devastação das naturezas humanas e não humanas?





FOTO CAMILA FONTENELE



FOTO JOÃO MARIA



O PEIXE É SÓ UM PEIXE?

POR ANA MACHADO

**Bolsista de Apreciação Crítica para o
espetáculo *Mero***

As aparências realmente podem enganar, e ainda bem que enganam. Por muitas vezes, sem perceber, acabamos sendo engolidos pelos nossos próprios julgamentos e o concebemos como símbolo de verdade única e suprema em meio a tantas verdades. E

muito mais do que isso, a consideramos fixa, como se não tivesse em constante transformação. Como se nós não estivéssemos em constante transformação, alterando a nossa forma de pensar a cada nova experiência vivida.

O grupo Berinjelas Fritas, composto por adolescentes da Escola Centro Educacional de Cidadania Eduardo Von Zuben, localizada em Vinhedo, conta a história do Senhor K., um burocrata que trabalha no Ministério da Pesca, mas que nunca viu um peixe fora do supermercado. Um dia, ele é engolido por Mero, um peixe gigante que vive no fundo do mar. Esse texto – Mero –, escrito por Sara Pinheiro, foi escolhido coletivamente e encenado junto de sugestões e adaptações do grupo. Essa liberdade se revela bastante em suas relações em cena e fora dela, levando em conta a quebra que faziam quando precisavam levar a sério e quando podiam sair do personagem.

Nessa tomada de decisões e autonomia do grupo, a condução da professora e responsáveis foi excepcional. Há, junto do respeito, uma amizade que transborda do palco. Mesmo que o texto já exista, é nítido que houve uma busca pelos interesses singulares dos adolescentes e do grupo em si, trazendo uma certa zona de conforto para que falassem suas sugestões e até seus erros, como “opa, falei errado”, sem esperar por um julgamento. Pela criação dessa segurança, o comprometimento e a disposição dos Berinjelas Fritas foi algo que me encheu os olhos, junto da diversão – brincar de “fazer teatro” é diferente de brincar NO teatro.

Diante desses apontamentos, da idade do grupo e da história contada, poderíamos entrar no campo da

ingenuidade... Mas não. "Mero" carrega muito mais do que um peixe que engole um homem e a expectativa de salvação. Um exemplo disso foi falado na troca pós-espetáculo, guiada pelo VQV, onde as sensações foram voltadas para angústia, busca pela identidade – especialmente de gênero – e a consciência de que a humanidade tem a necessidade de definir tudo à sua volta. O que entendemos está escondido no não-dito, e o significado é variado de pessoa para pessoa, vivência para vivência. Caçar uma “verdade única” será apenas um reforço do que Mero quer nos dizer.

Trabalhar temas tão complexos com o uso da simplicidade foi uma ferramenta importantíssima para despertar um senso de urgência, levando em conta nossa atualidade, porém com a leveza que a aura jovem conduz com tamanho cuidado, sem perder a mensagem que a peça precisa passar. De fato, o peixe não é só um peixe.





O AMOR É UM RITUAL DE PREPARAÇÃO PARA...



POR LUCAZ EUSÉBIO

Bolsista de Apreciação Crítica para o espetáculo *O amor na prática é sempre ao contrário*

É no Centro Cultural de Tatuí que será realizada a apresentação de “O amor na prática é sempre ao contrário” com o Núcleo Atuará, da ATUARÁ escola de teatro, de Jundiaí. Cheguei às 15h para acompanhar a passagem técnica e aquecimento da equipe.

Ao colocar o pé no espaço já percebo que a música será elemento marcante, alguns hits antigos da mpb se entrecortam na passagem de som. Algo já começa a mover os meus afetos: com vontade de cantar e dançar, vou desvendando o espaço. Detrás da arquibancada já vejo a quantidade de pessoas que estarão em cena, muitas vozes, movimentos, dança, elementos de um quarto adolescente muito rosa, um feminino jovem, mas não só. Almofadas, livros, biombo, quarto, cartazes, câmeras fotográficas, Cazuzza na capa de um livro, violão. Só mais tarde, assistindo, é que eu iria entender que haviam mais cores, e que no cenário existiam três quartos e não apenas um. A essa altura, eu já estava nostálgico, lembrando da minha adolescência e curioso para saber mais desses jovens atuantes que estavam ali passando cena, mexendo nos objetos, dedilhando uma canção...

Vou para os bastidores. A energia é de leveza serelepe: algumas pessoas terminando a maquiagem; outras, completamente prontas, batem papo (talvez para evitar algum tipo de nervosismo?). Alguns mais compenetrados, fazem os últimos ajustes. Algo me chama atenção. Núcleos de ajuda mútua começam a surgir: uma presilha que alguém prende no cabelo da outra, uma força tarefa para desenroscar ganchos da roupa de alguém. Há incômodos que precisam da coletividade para se desatar. A diretora Tábata Makowski chama o pessoal para o aquecimento.

Mantenho distância. Como observador oculto, tento que minha presença altere o mínimo possível as práticas da preparação. É um ritual - como o nome da canção de Cazuzza, um dos disparadores do processo criativo da peça. Um dos meus preferidos. O ritual do antes. O que o artista precisa fazer antes do espetá-

culo, para estar preparado para o que ele pretende nos mostrar? Há segredos que pertencem apenas a quem precisa saber deles. Mas assim como cada apresentação de uma mesma peça é única, assim também é na sala de ensaio ou no camarim. Algo rotineiro para um atuante, como respirar com mais consciência, se alongar ou repetir um trava-línguas em roda, se conectando com quem estará em cena com você, acende a fagulha para o que virá. E deu para sentir a força vital desses 16 jovens que logo veríamos no palco.

Saí antes deles terminarem, para dar espaço à magia que os atores moveriam ali em sua intimidade – e também para me deixar também surpreender pelo mistério.

Veio a cena! O rebuliço na plateia era grande. Num espaço meio galpão, com praticáveis tornados arquibancadas, o lugar lotou. Teve gente que sentou no chão e em cadeiras bem pertinho do cenário, quase como se morassem ali com os personagens que se apresentaram: Isabela, Felipe e Ricardo. Meus três novos amigos! Eles nos deixaram tão à vontade dentro de suas histórias, que muita gente se identificou com o que eles compartilharam. Num coro mesclado de meninos e meninas, as três personagens se multiplicaram. Três se desdobrou em dezesseis e dezesseis se multiplicou em nós, público, que hora nos víamos inquietos como Isabela, confusos como Felipe ou solitários como Ricardo. A peça, que é baseada no livro “Música para cortar os pulsos” de Rafael Gomes e costuradas por músicas como “Devolva-me” e “Eu preciso dizer que te amo”, traz a partir de histórias, encontros e desencontros afetivos das personagens, pontos de vista/vivências diferentes sobre o amor na juventude.

Foi bonito ver adolescentes com corpos e estilos diversos buscando romper, a partir de suas presenças e do dispositivo que a peça traz, um padrão imposto à sexualidade e gênero. A encenação propõe um dispositivo a partir da espacialidade do cenário e da cor dos figurinos, uma maneira de identificar quem são os personagens. Atuantes de azul são Felipe, verde Ricardo e rosa Isabela, meninos e meninas interpretam as personagens, exceto no grupo de Isabela. Acredito que o espetáculo pode ganhar mais força nesse ponto, estendendo o dispositivo também para a personagem Isabela, ou seja, incluindo meninos que desejem interpretá-la. Isso daria mais argumento para o dispositivo, diluindo ainda mais a ideia normativa de gênero e sexualidade entre Personagem-Atuante, aumentando o bug positivo que a peça já causa e ampliando as possibilidades de identificação do público com as personagens.

Chegamos ao final. Salva de palmas, atores e atrizes emocionados, parte da plateia também. Abre-se para impressões, bate-papo e perguntas. Foi unânime: nostalgia, sensação de representatividade e um desejo de liberdade para que jovens, adultos, crianças e todas as pessoas possam se sentir livres para amar, serem amadas e viverem de maneira mais feliz com quem são. Obrigado, Núcleo Atuará, foi uma delícia ver vocês amando o amor e o teatro na prática.





DESEJO



POR MARIA LUIZA QUEIROZ FREIRE
estudante do 2º ano do curso de Teatro
adulto do Conservatório de Tatuí e bolsista
ofício da Revista BULI no ano de 2025

Desejo.

Tudo que desejo,

persigo.

Não conquisto,

nasci entre os mal nascidos

e aqui tudo me é negado.

PERFIL

Dizem,
“mulher,
se submeta
encontre seu lugar
e aceite de bom grado
aquilo que lhe é dado.”

E o povo?
“o povo não quer nada,
não escolhe,
não tem paixões,
apenas serve.”

Existe a ordem,
os poderes
padre, prefeito, banqueiro
eles escolheram para ti,
aceita?

Aquele que contraria
é aniquilado,

PERFIL

massacrado e

sufocado.

“Por favor, não resista.”

Mas escute aqui,

veja o povo da rua

esses têm desejos infinitos

se apaixonam mil vezes ao dia,

por mil coisas e vidas diferentes,

sabem amar a tudo

e sabem partir também.

Nas entrelinhas dos corpos

reside o sofrimento da não escolha,

da abnegação,

nesse sofrer infinito

nasce o malandro,

nasce a malandra

fluem pelos corpos e se transformam como querem.

Nas palavras de uma mulher:

PERFIL

“Geni é o desejo de um povo”

Mas quem é Geni?

Ela é a pura paixão de resistir.

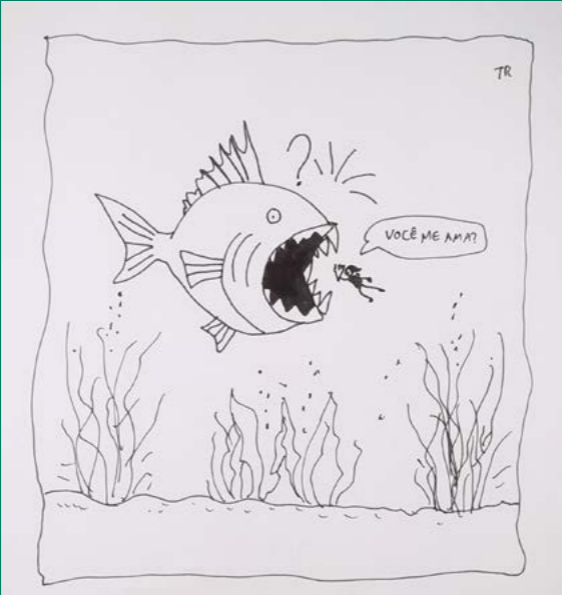
Poesia realizada após diálogo com Patrícia Any e seu filho Gustavo. Todos nós assistimos à abertura de processo do espetáculo Ópera do Malandro, realizado pela Cia. de Teatro do Conservatório de Tatuí. Saímos da sala 9, onde ocorreu a peça, descemos para o terceiro andar e em uma sala vazia, conversamos. Nessa conversa, falamos sobre tudo que havia nos atravessado. Patrícia trouxe a questão da mulher, de quem é Geni e os desejos sufocados; complementei com as paixões, e Gustavo abordou a figura do malandro. A partir desse conjunto, escrita-escuta, o texto ocorreu.



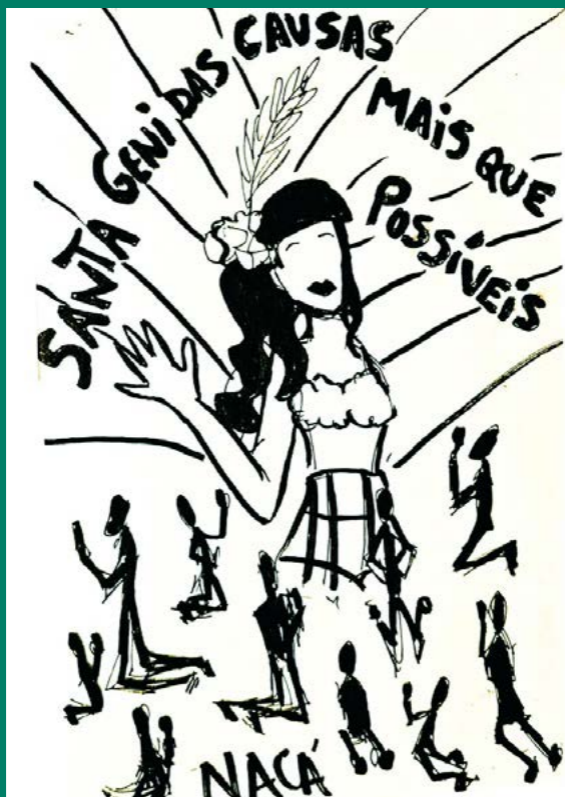
CHARGES



GABRIEL



TADEU RENATO



NACÁ





LARA MIRARTE



BORRACHA



TODA MACUMBA É POUCA

POR ABESSA RAMOS

Assistente de gerência artística e pedagógica do setor de artes cênicas do Conservatório de Tatuí.

Na rua corpos comungam

em um ajeum sinestésico

de uivos

assobios

arrepios

e gargalhadas...

Há uma festa naquela esquina.

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

Há vida.

Muitos nomes...

Identidade é quando nos lembramos de nós mesmos.

Não quero morrer agora!!

Por favor, digam sempre meu nome!

Assim como Jacinta, precisamos todos dizer nossos nomes, talhar a memória feito madeira em ação.

Muitos querem o elixir da vida eterna.

Eu não,

quero morrer.

Mas não agora.

Gritem meu nome em toda esquina,

para encontrar com os meus, de ontem, de hoje

e de amanhã.

Enquanto disserem meu nome haverá festa naquela esquina

Exu é quem protege aquela esquina, onde todos nós passamos dizendo um nome que há de viver.

Fetesp.



BASTIDORES

POR CAMILA FONTENELE











[voltar ao topo](#)

EXPEDIENTE

Editores

João Fabbro
Tadeu Renato

Coordenador Editorial

Antonio Salvador

Produção Editorial

João Fabbro

Colaboradores

Abessa Ramos
Ana Machado
Borracha
Gabriel
Kaião
Lara Mirarte
Lucaz Eusébio
Marcus Groza
Maria Luiza Queiroz Freire
Nacá
Tadeu Renato
Ymoirá Micall

Revisão de Textos

João Fabbro
Roberto Anzai
Tadeu Renato

Arte Design

Lívia da Silva

Assistente Arte Design

Renata Corrêa

Fotografia

Camila Fontenele
João Maria

Coordenador de Comunicação do 30º FETESP

Maurício Coronado

[Leia também por meio deste link a Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí](#)

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustentados Organização Social de Cultura.



patrocínio



Zanchetta

cipatex®



MARQUESPAN
ALIMENTOS



parceria



apoio



Secretaria de
Espanha, Cultura,
Turismo e Lazer

realização

#SUSTENIDOS

tatuí conservatório
de música e teatro

CULTSP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO 1000%

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO